

BRICS como um espectro de aliança

ANNA OCHKINA

Ao analisar a construção do BRICS, segundo se percebe, é artificial de diversas maneiras. Esta aliança é mais visível nos debates na imprensa do que na política internacional propriamente dita. Mas existe uma razão para que esses países se reúnam, além de transformar em realidade as fantasias de especialistas e jornalistas? Sim, existe.

Embora tais países sejam bastante diferentes em inúmeros aspectos, eles ainda possuem muito em comum:

- Sua posição semiperiférica no interior do sistema capitalista global como poderosos países disputando um importante, porém não dominante, papel no processo de globalização neoliberal;
- Suas políticas sociais e econômicas, apesar de não completamente ligadas aos padrões neoliberais, permanecem no interior de um arcabouço neoliberal;
- Todos eles praticam políticas econômicas neoliberais, mas nenhum deles é rigoroso neste aspecto (até recentemente, foram capazes de combinar uma abordagem de livre mercado com elementos de redistribuição social, intervenção estatal e outras medidas que, de alguma forma, compensaram falhas de mercado).

Conforme observado, todos os países do BRICS exercem um papel específico no sistema-mundo capitalista e cada um deles provê recursos que determinam sua posição e função no sistema.

ANNA OCHKINA

Pesquisadora do Instituto
para Estudos de Globalização
e Movimentos Sociais em
Moscou.
ochkina@inbox.ru

ARTIGO ORIGINALMENTE PUBLICADO
EM INGLÊS NO SITE
<[HTTP://WWW.PAMBAZUKA.ORG](http://WWW.PAMBAZUKA.ORG)>,
EM MARÇO DE 2013.

O Brasil é importante por seus suprimentos agrícolas; a China garante mão de obra barata; a Índia fornece força de trabalho intelectual a baixo custo para indústrias de alta tecnologia; a África do Sul oferece minerais; e a Rússia supre minerais, petróleo e gás. Desse modo, a escala e as condições de provisão desses recursos para o capital global fazem do BRICS países essenciais para o sistema-mundo.

Pode-se entender este conjunto de países como adolescentes que cresceram rapidamente, “modernizando-se” muito rapidamente, em comparação ao processo em uma perspectiva histórica. Isso leva a uma situação contraditória, na qual um notável crescimento econômico e um potencial cultural (pelo menos no caso da Rússia e da China) não são acompanhados pelo desenvolvimento de tradições políticas democráticas ou pelo envolvimento em massa da população na vida política por meio da auto-organização. Como resultado, nesses países, o neoliberalismo – mesmo destruindo o potencial cultural e econômico acumulado – produz altos níveis de tensão social, mas não gera resistência social consciente.

Em cada país, embora de maneiras diferentes, o desenvolvimento de um modelo neoliberal de capitalismo cria a necessidade de superar estruturas e relações que contradigam esse modelo. Na Rússia, a mercantilização agressiva foi acompanhada pelo uso de alguns elementos do Estado de Bem-Estar Social soviético. Educação e serviços de saúde gratuitos, bem como o sistema de seguridade social e o capital cultural que se acumulou no interior das famílias durante o período soviético ajudaram os russos a se ajustarem à economia de mercado e até a se tornarem bem-sucedidos. O declínio de padrões de vida como resultado da “terapia de choque” e, mais tarde, das reformas neoliberais, foi real, porém menos doloroso, por conta das redes de proteção garantidas pelas estruturas remanescentes do Estado de Bem-Estar Social soviético.

Atualmente, no entanto, essas mesmas instituições de bem-estar social estão erodidas ou destruídas pelas reformas neoliberais. Assim, as contradições estão se tornando mais dolorosas. O Estado russo encara uma escolha que tem de ser feita urgentemente. Um caminho é seguir adiante com políticas neoliberais nos

moldes das tendências dominantes no sistema global, no qual o governo russo quer permanecer, causando conflitos crescentes em sua própria sociedade. Na tentativa de se manter leal às instituições econômicas globais e sua lógica, o Estado se torna cada vez menos capaz de sustentar mecanismos existentes de compromisso social, usando seus recursos financeiros para atender a interesses das massas.

Existe, todavia, outro caminho, isto é, parar de destruir o Estado de Bem-Estar Social e reorientar as políticas de governo de modo a reconstruir e desenvolver o sistema de bem-estar. Isto, contudo, significa um conflito tanto com as instituições globais quanto com as próprias elites russas.

Os países do BRICS são forças dominantes em suas regiões. Eles se envolvem em diferentes alianças macrorregionais, mas a cada vez que o fazem, têm a intenção de atingir objetivos locais ou regionais. Seu potencial para ir além disto ainda é muito limitado. No caso da Rússia, suas ambições, baseadas em uma tradição imperial de liderar a enfraquecida Comunidade de Estados Independentes (CEI) e outras alianças, contradizem sua própria condição de subordinação em uma economia capitalista global e na política mundial.

Inegavelmente, os países integrantes do BRICS são os mais fortes entre os Estados da semiperiferia e isso os faz potencialmente perigosos para o equilíbrio de forças no atual capitalismo global. Ademais, cria uma precondição objetiva para uma aliança entre estes Estados na tentativa de aumentar seu peso no sistema-mundo.

Ao mesmo tempo, as elites desses países vivem muito confortavelmente dentro desse sistema, e não estão interessadas em arriscar essa situação mesmo quando têm alguma ambição política no âmbito global. Sua lealdade às instituições econômicas globais é vista como uma garantia do seu *status* local e internacional. Esse é o motivo pelo qual os BRICS continuam sendo um espectro, ao invés de uma aliança real. Tal fator, às vezes, pode ser usado para chantagear seus parceiros do centro global, mas não constitui um mecanismo ativo de integração de sociedades que juntam forças para solucionar problemas comuns ou similares.

Independente do quão diferentes sejam as situações específicas nos países do BRICS, eles têm um problema comum no contexto

do ataque global ao Estado de Bem-Estar Social e suas instituições. Contudo, o potencial para desenvolvimento social que continua não usado ou foi destruído está se transformando no potencial social de resistência ao neoliberalismo. E este fator faz dos países do BRICS um lugar onde precondições objetivas para alternativas anticapitalistas estejam emergindo.

Este grupo pode se converter em uma força de oposição à ordem neoliberal, porém apenas em termos de mudança social no âmbito doméstico em cada um desses países. Infelizmente, tal situação só é possível quando as sociedades superam suas próprias fraquezas e o controle autoritário. A menos que isto aconteça, a aliança do BRICS não tem perspectivas de se tornar uma força global real capaz de mudar a ordem mundial.

Conforme se observa, o modelo a que se pode chamar “*know-how* BRICS” parece exaurido. Até certo ponto, as elites foram capazes de satisfazer a ambos, lobos e cordeiros, realidade só possível porque importantes recursos fornecidos por estes países ao mercado global conquistaram algumas vantagens nesta divisão de trabalho. Todavia a crise econômica limita estas vantagens, diminui o fluxo de capital externo para os BRICS e o real valor da moeda.

Isto leva à intensificação das reformas neoliberais domésticas, as quais enfraquecem a base institucional do compromisso social, bem como os mecanismos políticos e sociais da construção de um consenso. Seguir as recomendações de instituições globais como a Organização Mundial do Comércio, o FMI e o Banco Mundial leva a uma transformação ainda mais profunda das estruturas sociais e econômicas. De modo geral, as economias estão cada vez mais se orientando para a demanda enfraquecida do mercado internacional, o qual também fica cada vez mais fraco ou não compreende seu potencial de crescimento. Intensificam-se, assim, a crise e os conflitos sociais domésticos.

No caso da Rússia, este fato se expressa mediante uma crise social crônica, que não pode ser superada sem mudanças nas estruturas econômicas existentes e no sistema político. A maioria da população russa ainda baseia sua estratégia de vida no entendimento segundo o qual os benefícios do Estado de Bem-Estar

Social serão garantidos, mas suas oportunidades neste sentido estão diminuindo rapidamente. Dadas as atuais tendências, até mesmo estas provisões e direitos do Estado de Bem-Estar Social que continuam disponíveis poderão se tornar tecnicamente disfuncionais.

Esta política gera problemas tanto para as massas quanto para as elites regionais. Na tentativa de cortar custos, a administração federal emprega poderes de autoridades regionais, porém não lhes garante acesso a recursos financeiros adicionais. Na prática, isto significa mais responsabilidade sem mais direitos.

Consoante divulgado, administrações federais enfrentam profunda crise, na tentativa de se adaptar a esta nova situação. Na prática, eles têm de desacelerar a implementação das políticas neoliberais introduzidas pelo governo central, porquanto, para eles, esta é a única chance de evitar ou adiar os protestos da população. Esta iniciativa, contudo, aumenta as contradições e conflitos dentro do sistema estatal e provoca uma crise real de governabilidade.

Ironicamente, no nível central, isto leva a uma insistência ainda maior pela reforma do mercado, já que as autoridades veem esta reforma como a única maneira de superar a “ineficiência” das estruturas burocráticas locais. Assim, a sabotagem aleatória no plano local leva a novas lutas institucionais e à decomposição de instituições estatais, inclusive as mais básicas. A Rússia caminha em direção a uma catastrófica crise de governabilidade, que se junta a uma crise social e econômica, estabelecendo precondições para uma séria desestabilização política.

Desse modo, a exaustão do modelo de compromisso social cria, objetivamente, condições para uma cooperação mais forte entre os países componentes do BRICS, os quais, pelo menos, têm a chance de trabalhar juntos contra instituições neoliberais que lhes exigem abrandar sua abordagem. Neste ponto, no entanto, enfrentam-se obstáculos consideráveis:

- Os próprios países do BRICS são estruturalmente dependentes da economia global – suas reformas neoliberais não são produzidas sob pressão apenas do capital global, mas também como resultado desta dependência;

- A elite do BRICS está envolvida na competição global, tentando aumentar seu peso no sistema-mundo atual;
- As elites domésticas (nacionais) orientadas para o mercado global não estão interessadas em mudar as políticas neoliberais; ao contrário, elas querem intensificá-las.

Incapazes de forjar uma aliança realmente funcional, os países do BRICS simulam a construção de uma aliança, de modo a exercer uma pressão simbólica no centro global. Todavia, a inabilidade e falta de vontade destes países de ir além disto [desta simulação de aliança] limitam sua chance de pôr em prática até mesmo sua ferramenta política. Esta fraqueza é ampliada pela impotência das elites políticas locais de pelo menos alguns dos BRICS, na falta de atores políticos aptos a articular e defender seus próprios interesses estatais contra as elites capitalistas globais.

Mencionadas características dos países dos BRICS e suas elites levam a uma situação na qual, ao invés de ser uma força que contribui de maneira global para a melhoria das condições dos países da periferia, eles acabam por se tornar a “quinta coluna” do centro, uma força de apoio subglobal para a estratégia neoliberal.

Mesmo assim, porém, os BRICS são vistos mais como um fator potencial da política mundial do que como um jogador/ator sério. Na prática, o centro não está interessado em estimular a integração de um bloco de países com recursos consideráveis e uma população de mais de 3 bilhões de pessoas. Mesmo sob liderança neoliberal, tal integração pode gerar problemas. É melhor ter uma aliança apenas nominal, sem muita substância.

Contradições entre a sociedade e o Estado, que podem ser observadas nos países do BRICS, são basicamente as mesmas encontradas no centro do sistema capitalista; elas, no entanto, são aprofundadas pela dependência econômica. Contudo, os BRICS têm uma forte tradição de revoluções e lutas de resistência, as quais permanecem como parte de uma memória coletiva da população. Com uma história rica e tradições culturais próprias, eles podem ser vistos como base de apoio para o Estado de Bem-Estar Social.

O problema, no entanto, é este: o atual nível de lutas e resistência é muito fraco, em comparação com o nível objetivo de

descontentamento social. Aqui, o problema é com a falta de subjetividade social. O que se precisa é de uma nova aliança social ou, ainda melhor, a construção de um bloco histórico apto a promover e consolidar estas lutas, tornando-as efetivas em termos de mudança social prática. E, mesmo agora, nós temos todas as condições de usar os BRICS como um espaço para o diálogo destas forças emergentes que trabalham para uma nova estratégia de transformação social progressiva tanto na esfera global quanto na esfera local.

Tradução: Maurício Gurjão Bezerra e Camila Alves da Costa